



APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TDAH: reflexões sobre as práticas pedagógicas vivenciadas em uma escola municipal de Palmeira dos Índios/AL

Sanielle Silva Ramos

Escola Estadual Indígena Xucuru Kariri Yapi Leñawan – Palmeira dos Índios/AL
sanielleramoscunha@gmail.com

Adenize Costa Acioli

Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)
adenize.acioli@uneal.edu.br

Resumo: Possibilitar a aprendizagem dos alunos com O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em uma sala de aula regular é responsabilidade dos professores, tendo em vista que é no espaço escolar que a educação formal acontece. É garantido, a esses indivíduos, por lei, o direito de aprender a partir de sua inclusão nas salas regulares, que deverão dispor de suporte pedagógico que auxilie no seu desenvolvimento cognitivo, motor e social. Este artigo objetiva mostrar intervenções feitas por professores em sala de aula, na perspectiva de auxiliar a aprendizagem de alunos com TDAH. O estudo coletou informações/dados através de entrevistas semiestruturadas com professores de uma escola da rede pública municipal de Palmeira dos Índios-AL que lecionam para alunos diagnosticados com TDAH, a fim de identificar as práticas pedagógicas utilizadas para o desenvolvimento escolar dos mesmos. Para isso, contamos com referenciais teóricos de autores como Anache (2009), Luckesi (2005), Mantoan (2007), Marzocchi (2004), entre outros. O estudo possibilitou a reflexão da prática profissional de professores que atuam no processo de aprendizagem de alunos com TDAH, compreendendo o transtorno e intervindo para a superação das dificuldades apresentadas pelo aluno.

Palavras-chave: Educação. Inclusão. Práticas pedagógicas. TDAH.

STUDENT LEARNING WITH ADHD: reflections on the pedagogical practices experienced in a municipal school in Palmeira dos Índios / AL

Abstract: Enabling the learning of students with ADHD in the regular classroom is the responsibility of teachers, given that it is in the school space, in formal education that. The laws guarantee these individuals the right to learn, being included in the regular classrooms and having pedagogical support to help the student with ADHD in their development, however, there are still barriers that prevent the inclusion in fact. This article aims to show how the learning assessment of students with ADHD should contribute to overcome difficulties and address individual skills and potentialities. The study sought to collect

Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns.
Dossiê temático “Educação Especial”, dez. 2020.

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao>

information through semi-structured interviews with teachers who teach students diagnosed with ADHD, in order to identify the pedagogical practices used for their school development. For this we have references from authors such as; Anache (2009); Luckesi (2005) Mantoan (2007); Marzocchi (2004) among others. Finally we hope that the research will contribute to the professional practice of teachers acting significantly in the learning process of the student with ADHD, understanding the disorder and intervening in the difficulties presented by the student.

Keywords: Education. Inclusion. Educational Practices. ADHD

1. INTRODUÇÃO

Falar de inclusão escolar da criança com TDAH é saber que para além do espaço físico adequado é fundamental que a equipe pedagógica também esteja preparada para acolher e lidar com a criança. Para tanto, a equipe deverá buscar atualização a partir de novos conhecimentos e de informações através de constantes processos de formações continuadas e estudos específicos sobre o transtorno.

A necessidade de uma educação inclusiva torna-se cada vez mais frequente no âmbito escolar. Nesse sentido, o professor é peça fundamental no que se refere ao acolhimento e à integração da criança com TDAH devendo, por isso, respeitar seus limites e oferecer-lhe as mesmas oportunidades e condições de aprendizagem ofertadas aos demais alunos, favorecendo, assim, um ambiente propício a sua socialização.

Incluir o aluno com necessidades educacionais especiais requer adequar a metodologia de trabalho de maneira que esta atenda ao mesmo e não impor que ele se adapte ao método único do profissional. É também necessário conhecer e atender-as limitações e habilidades do educando, pois independente dele apresentar qualquer tipo de transtorno é importante reconhecer que cada um pensa e entende de forma diferente. A escola, ao receber crianças com TDAH, deverá estar atenta a sua proposta pedagógica, pois esta deve ser construída na perspectiva de ampliar os conhecimentos e experiências de vida e permitir a aprendizagem com eficácia de todos os educandos, sem restrição alguma.

Pensar em adequação curricular significa considerar o cotidiano das escolas, levando-se em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Para os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais essas questões têm um significado particularmente importante (BRASIL, 1998, p.32).

Nesse sentido, a escola se torna inclusiva quando permite o desenvolvimento do aluno, reconhece e atende às necessidades diversas de seus estudantes, entende que a aprendizagem acontece em ritmos e estilos diferentes, assegurando uma educação de qualidade a todos, onde a aprendizagem é o foco, através de uma perspectiva de avaliação da aprendizagem apropriada e do emprego de estratégias de ensino adequadas.

Face ao exposto, esse estudo tem o objetivo de investigar como a aprendizagem do aluno com TDAH acontece em sala de aula, a fim de superar as dificuldades e contemplar as habilidades e as potencialidades individuais desse aluno.

Dessa forma, analisamos as intervenções feitas por professores em sala de aula, a maneira que auxiliam a aprendizagem do aluno com TDAH, assim como e o conhecimento destes sobre o TDAH.

O professor deve aprender a lidar com as diferenças por meio de atitudes e disposição para repensar o cotidiano. (TORNELLO, 2007, p. 158).

O interesse e a motivação inicial por este estudo deram-se a partir da minha matrícula na disciplina *Educação Especial*, quando ainda estudante do curso de licenciatura em Educação Física. A citada disciplina, através dos conhecimentos básicos que a compõe, despertou o meu interesse e minha vontade de trabalhar com as diferenças, entendendo as limitações individuais e conseqüentemente poder ajudar a minimizar ou até mesmo superar, quando possível, as dificuldades apresentadas pelos alunos. Outro aspecto que reforçou o meu interesse pelo estudo foi o fato de ter uma filha que apresenta características que requerem atenção especial. As produções acadêmicas norteiam-se sempre na perspectiva inclusiva e desde que percebi a desatenção da minha filha, ainda com 3 anos de idade, comecei a pesquisar, buscando entender os lapsos de desatenção, a impaciência com atividades de repetição, dificuldade em atividades de sequência, dificuldades em memorização.

Como educadora, e principalmente como mãe, procurei ajudá-la nos processos de aprendizagem. Mas, com o seu crescimento e mudança de etapas escolares, passei a sentir dificuldades em relação de como a escola avaliava o seu processo de aprendizagem. Atualmente, ela está com 7 anos e ainda não é alfabetizada.

Primando pelo seu pleno desenvolvimento, como família, contamos com uma equipe multidisciplinar, neuropediatra, psicóloga e psicopedagoga, mas ainda não existe um diagnóstico fechado.

Por entender que a escola tem uma contribuição de grande importância para a superação desses obstáculos, decidi ir *in loco* investigar quais intervenções são feitas para atender os alunos com TDAH em uma Escola Municipal de Palmeira dos Índios/AL.

Para tanto, este trabalho discute, inicialmente, o conceito de TDAH e dúvidas acerca do transtorno, sobre o bloqueio na memorização devido à falta de mediações pedagógicas, o uso do fármaco Ritalina como intervenção no processo de aprendizagem. Reflete também sobre o papel escolar na contribuição para o desenvolvimento do aluno, sobre a formação dos professores e sobre a avaliação da aprendizagem realizada no âmbito escolar. Descreve a metodologia empregada no levantamento dos dados da pesquisa de campo e, por fim, as considerações finais.

2. O TDAH E A ESCOLA

2.1 TDAH

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é classificado pelo Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V) dentro do item transtorno do neurodesenvolvimento. TDAH é visto como possíveis disfunções ou anomalias cerebrais, caracterizada como um distúrbio. As principais características são a falta de atenção, hiperatividade e impulsividade. Essas características afetam o aluno na área comportamental, assim como na área cognitiva. As pessoas com TDAH apresentam uma escassa tolerância a frustrações, baixa autoestima e dificuldades de relacionamentos com seus pares (DUPAUL; STONER, 2007).

O TDAH não acompanha necessariamente a hiperatividade, a pessoa com TDAH pode apresentar o tipo combinado ou apenas desatento. Dessa forma, para o educando que apresenta desatenção e impulsividade, a principal dificuldade é manter-se atento, principalmente em relação a algo que não desperte interesse do mesmo e isso dificulta o processo de aprendizagem, pois ele não consegue manter o foco. Já no caso do TDAH com hiperatividade, além do transtorno de atenção, ocorre a hiperatividade, o que faz com que aconteça a inquietação ou mesmo a realização de atividades em um período mais curto do que o estipulado para todos da turma.

Marzocchi (2004, p. 8) define o TDAH dizendo que:

**Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns.
Dossiê temático “Educação Especial”, dez. 2020.**

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao>

É um distúrbio evolutivo do autocontrole de origem neurobiológica, que interfere no desenvolvimento psicológico normal da criança e dificulta o desenrolar das atividades cotidianas comuns: ir à escola, brincar com os colegas, conviver serenamente com os pais e, em geral, inserir-se normalmente na sociedade.

Alguns especialistas afirmam que as causas do TDAH são genéticas, mas isso não quer dizer que a criança deverá ser privada dos mecanismos usados para a aprendizagem. A criança com TDAH deve ser estimulada precocemente e as atividades devem ser prazerosas, pois dessa forma a atenção será mantida por um tempo maior. Os estímulos ambientais que influenciam na dispersão também devem ser evitados.

O TDAH é mais frequente em crianças do sexo masculino, variando numa proporção de 2 meninos para 1 menina e 9 meninos para 1 menina. No sexo feminino é apresentado com mais frequência o TDAH com predominância da desatenção e menos sintomas de conduta. (SENA e SOUZA. 2008).

2.2 Sintomas para o diagnóstico

É fundamental que na escola todos tenham conhecimento sobre o transtorno, a fim de não criar barreiras que impeçam que o aluno desenvolva suas habilidades. É necessário, nesse contexto, que as instituições de ensino estejam preparadas para acolher alunos com TDAH, proporcionando-lhe ambientes com pouca dispersão, que sejam confortáveis para seu desenvolvimento, bem como atividades que não exija esforço mental por muito tempo. De acordo com Marzocchi (2004), pessoas com TDAH podem apresentar dificuldades em diferentes níveis:

Quem apresenta um déficit de atenção pode manifestar dificuldades em diversos níveis: de seleção inicial dos estímulos, de focalização (concentração), de manutenção (cansar-se rapidamente quando executa um dever), de pouca flexibilidade (não conseguir sintonizar adequadamente seus processos mentais sobre um novo dever) ou de partilha (não conseguir executar eficazmente duas atividades ao mesmo tempo). (MARZOCCHI, 2004, p.10)

Além das dificuldades apresentadas por Marzocchi, se sabe que a integridade da função sensorial é fundamental para que a criança possa ter um aprendizado adequado assim como as funções motoras e isso deve ser acompanhado pela família e equipe médica quando for necessário para um diagnóstico mais detalhado.

Sabe-se que a integridade da função sensorial é fundamental para que a criança possa ter um aprendizado adequado assim como as funções motoras e isso deve ser acompanhado pela família e equipe médica quando for necessário para um diagnóstico mais detalhado.

É fundamental que a escola atue diretamente com a família a fim de desenvolver as melhores possibilidades de aprendizagem para esse aluno. O que deve ser evitado na escola é a rotulação que todos os alunos apresentam TDAH por apresentar inquietação ou confundir a inquietação com transtorno de aprendizagem. As principais características do TDAH são: desatenção, impulsividade e hiperatividade. (DUPAUL e STONER 2007).

Apesar de o TDAH estar presente no âmbito escolar, pouco se sabe sobre o assunto. O conhecimento na maioria das vezes é muito breve e os pais, por sua vez, ou nunca ouviram falar ou mesmo já ouviram, mas se desesperaram, porque o desconhecido pode trazer medo e insegurança. Entre a idade escolar de 4 a 6 anos, os primeiros sinais começam a surgir às vezes em casa, por vezes na escola e nesses, momentos, também surgem as diferenças em meio a desafios e as possibilidades de auxiliar essa criança em sua aprendizagem. O que não deve acontecer é um diagnóstico precipitado e feito por qualquer pessoa.

No quadro a seguir, apontamos alguns dos principais sintomas para o diagnóstico do TDAH de acordo com o DSM-V.

Desatenção	Hiperatividade/impulsividade
Prestar pouca atenção a detalhes e cometer erros por falta de atenção	Mover de modo incessantes pés e mãos quando sentado
Dificuldade em se concentrar (em deveres ou brincadeiras)	Dificuldade de permanecer sentado em situações em que isto é esperado (sala de aula, mesa de jantar, etc.)
Parecer estar prestando atenção em outras coisas numa conversa	Correr ou trepar em objetos frequentemente, em situações nas quais isto é inapropriado
Dificuldade em seguir instruções até o fim ou deixar atividades sem terminá-las	Dificuldade para se manter em atividade de lazer em silêncio
Dificuldade de se organizar ou planejar com antecedência	Parecer ser movido por um “motor” sempre “ligado”
Relutância ou antipatia para fazer deveres de casa ou iniciar tarefas que exijam esforço mental por muito tempo	Falar demais
Perder objetos ou esquecer compromissos	Responder as perguntas antes das mesmas serem concluídas
Distrair-se com muita facilidade com coisas a sua volta ou com	Não conseguir aguardar a vez

seus pensamentos	
Esquecer coisas do dia-a-dia	Interromper frequentemente os outros em suas atividades ou conversa

Fonte: (DSM-V, 2013)

Os sintomas referentes à tabela da DSM-V, devem ser averiguados se aparecem em, no mínimo, dois ambientes, por exemplo, na escola e em casa. Para que possam identificar possíveis comportamentos de conduta e levantar hipóteses sobre a suspeita, sem descartar o trabalho que toda equipe médica deve fazer e ter uma troca de informações com a família e a escola através de relatórios compartilhados entre si.

O número de crianças nos consultórios tem aumentado cada vez mais. Estas, geralmente, são enviadas a partir da conduta de professores que pedem ajuda aos pais alegando a hiperatividade de determinados alunos na sala de aula. É comum também dizer que o aluno precisa tomar remédios que prometem acalmar esse educando.

Vale ressaltar, que antes de qualquer diagnóstico por parte do professor, se faz necessário que o mesmo exercite a sua autoavaliação, começando pelo tipo de aula dada, se a mesma é prazerosa, desperta interesse para que esse aluno interaja com a atividade proposta.

É válido ressaltar que, de acordo com MATTOS, “a herança genética não é o único fator determinante para o aparecimento do TDAH, mas é de longe o mais importante”. Assim, considera-se que em torno de 80% a 90% do transtorno tem origem em causa genética. O meio social também influencia as crianças de maneira a dividir a atenção em consequência de vários estímulos ambientais ao mesmo tempo. (MATTOS, 2014, p. 55),

2.3 Bloqueios na memorização da criança com TDAH

Os bloqueios na memorização são normais, quase universais e resultados de uma atenção voltada para outro espaço, cansaço ou até problemas emocionais. A alteração ocorre na parte frontal do sistema neurobiológico o que dificulta se lembrar de informações recentes, lembrar a ordem de coisas simples, ou até mesmo contribui para o esquecimento de atividades diárias realizadas em casa. (ANTUNES, 2008)

Quando se trata de um bloqueio no educando com TDAH, é necessário um cuidado especial, pois esse aluno irá sentir-se diferente dos demais, devido às apreensões com grande frequência, colocando em dúvida sua capacidade. Esse bloqueio torna-se um obstáculo no que

diz respeito à aprendizagem do aluno, que fica muitas vezes inseguro, com medo de ser exposto, de modo que mesmo sabendo a resposta de uma atividade dada, em alguns casos prefere não falar por medo de errar, medo de ser julgado e comparado.

As situações emocionais influenciam esse bloqueio na memorização, sendo a baixa autoestima uma das principais causas desse estado de bloqueio. Os alunos, determinadas vezes, se lembram de fatos, mas a insegurança faz com que o gatilho do bloqueio seja disparado.

No que se refere a certas atividades que exigem memorização através de repetição, é mais fácil, para alunos com TDAH, associá-las a uma referência, pois assim lembrarão com mais precisão.

A criança com TDAH antes mesmo de chegar à fase adulta já sofre com as constantes reprimendas, a dificuldade em concentrar-se e organizar-se gera intensa ansiedade e depressão, não só pela repressão familiar, de professores e colegas, mas também pelo próprio desconforto e prejuízo já presente na sua rotina diária. (SILVA, 2003).

Quando a desatenção prevalece no TDAH será ela a responsável pela falta de organização e concentração. No momento das atividades que exigem mais concentração é imprescindível deixar esse aluno o mais confortável possível na realização das atividades, lembrando sempre de passar segurança e autoconfiança, pois dessa forma ele, que já se esforça, se empenhará ainda mais para o desenvolvimento de qualquer atividade.

Conhecido por estar no “mundo da lua”, o aluno com TDAH se dispersa facilmente até mesmo com seus pensamentos. Na maioria das vezes, apresenta-se ansioso, se preocupa com o que ainda não aconteceu e, nesses casos, o acompanhamento psicológico, assim como o pedagógico, é indispensável.

2.4 Tratamento medicamentoso

Alguns casos de TDAH usam o fármaco Ritalina como princípio ativo de controle sobre o problema. Alguns usam esse medicamento para o resto de suas vidas, outros tomam quando crianças e na fase adulta resolvem abandonar. Porém, vale considerar que nem sempre as intervenções medicamentosas são as melhores.

O receio por parte dos pais ou responsáveis de manter a criança com TDAH fazendo uso do medicamento também é grande. Porém, é de fundamental importância entender o

Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns.
Dossiê temático “Educação Especial”, dez. 2020.

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao>

transtorno e como seus sintomas interferem na vida da criança, contando com o acompanhamento e orientação médica no que se refere as melhorias que o tratamento medicamentoso pode proporcionar ao desenvolvimento emocional e cognitivo.

É necessário, ainda, atuar com intervenções pedagógicas a fim de permitir ao educando com TDAH possibilidades de aprendizagem de acordo com seus gostos particulares, dispondo de toda equipe multidisciplinar, psicopedagogo, psicólogo, que ajudará no quesito autoestima e a ter confiança em si próprio, superando, assim, os desafios pertinentes a sua aprendizagem. Vale acrescentar, também, que a prática de atividade física além de atuar na saúde mental, ativando os neurônios responsáveis pela aprendizagem, também libera endorfina que auxilia no tratamento de estresse e sonolência.

[...] as intervenções com crianças com déficit de atenção e/ou hiperatividade requerem uma ação multidisciplinar e um constante trabalho triangulado entre pais, profissionais da saúde e professores, afim de que os prejuízos cognitivos e, sobretudo, psicossociais do transtorno sejam minimizados. (REPPOLD; LUZ, 2007 p. 95).

Quando as intervenções são realizadas, mas mesmo assim ainda ocorre a dispersão, é indicado pelo neurologista ou psiquiatra o uso da ritalina ou outras medicações que atuam como estimulante e que auxiliará na concentração, fator esse primordial na fase da alfabetização.

Apesar dos alunos com deficiência ou transtornos estarem frequentando as salas regulares, é importante lembrar que para que a inclusão aconteça no ambiente, de modo a atender sem restrições as necessidades desses alunos, ainda são necessárias que as lutas pela garantia desse direito ocorram. Mesmo que esses alunos estejam inseridos nas salas regulares, os discursos de alguns professores, médicos e de outros profissionais da saúde, é o de que a melhor intervenção para os alunos com TDHA ainda é a medicamentosa.

Apesar da defesa pelo uso de medicamentos é preciso repensar essa prática, tendo em vista o processo de conquistas referentes a esses alunos, como frequentar a escola, pois antes a equipe médica era a única responsável pela segregação desses alunos.

A defesa pela inclusão escolar da criança com TDHA está vinculada a possibilidade de profissionais da área pedagógica educacional contribuírem de forma significativa com o processo de transformação da vida desses indivíduos, a partir do seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Para tanto, se faz necessário que a intervenção pedagógica seja acompanhada de recursos e adaptações para a aprendizagem do aluno com TDAH e que todo o processo possa ser realizado através de um trabalho de acompanhamento juntamente com uma equipe multidisciplinar, que terá subsídios para averiguar se essa prática, de fato, promove o êxito desejado. A partir dos resultados identificados e dos avanços ou não na aprendizagem, então define-se o possível uso de estimulantes como auxiliares para o desenvolvimento escolar do aluno.

2.5 O papel da escola

A escola através de seu coletivo deve, no momento da elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), conhecer sua realidade. Nesse sentido, é preciso que a escola seja capaz de identificar o perfil de seu alunado, identificando as reais dificuldades de aprendizagem do mesmo. Outro aspecto a ser considerado é a identificação da presença de alunos com necessidades educacionais, entre as quais com TDAH. Este procedimento norteará a escola na definição por uma proposta pedagógica que possibilite o rompimento com modelos engessados que inviabilizam a adoção de novas práticas pedagógicas de caráter inclusivo que favoreçam a aprendizagem de todos os educandos, respeitando as limitações e ritmos de cada um.

Nesse contexto, a escola deve assegurar a todos o direito de aprender. Caso esta não dê um suporte pedagógico adequado e não modifique a sua prática educacional quando necessário, não estará, portanto, cumprindo o seu papel na promoção de uma educação inclusiva.

A escola é o lugar, por excelência, onde o processo intencional de ensino e aprendizagem ocorre: ela é a instituição criada pela sociedade letrada para transmitir determinados conhecimentos e formas de ação no mundo; sua finalidade envolve, por definição, processos de intervenção que conduzem à aprendizagem. (OLIVEIRA, 2002, p. 57)

Na escola inclusiva o professor exerce a função mediadora a partir de seu planejamento, onde o mesmo compreende que toda e qualquer ação é carregada de intencionalidade, logo, ele deve ajustar-se à real necessidade do educando com TDAH para mediar atividades que possam proporcionar avanços no desenvolvimento do processo de aprendizagem desses alunos. Dessa forma, oportunizará aos educandos igualdade nas

Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns.
Dossiê temático “Educação Especial”, dez. 2020.

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao>

condições do desenvolvimento, sem preconceitos e discriminações, respeitando as necessidades específicas na participação do processo educativo.

Dentre as ações pedagógicas desenvolvidas pelo professor está a avaliação da aprendizagem. Esta deve ser vivenciada como uma ação que possibilita reflexões acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor no que se refere ao conteúdo, as competências e aos objetivos que devem ser alcançados pelos alunos, para poder então tomar decisões frente ao processo de ensino-aprendizagem.

No tocante às questões relacionadas ao aluno, a avaliação deve ser entendida como instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades. Nessa direção é papel do professor informar aos alunos o porquê, o como, o quando e de que modo eles estão sendo avaliados, permitindo a participação dos alunos e oferecendo sugestões que atendam a todos os envolvidos. Importante destacar, nesse sentido, que a concepção de avaliação de aprendizagem faz parte do PPP da escola, logo fica instituído que o processo avaliativo adotado por ela representa também a sua concepção de inclusão ou de exclusão escolar.

A avaliação de aprendizagem quando adaptada, adequada à realidade de uma escola para todos, ultrapassa as barreiras frente à segregação e exclusão, oportunizando a aprendizagem de todos, diante das diversas práticas pedagógicas.

A inclusão escolar é um desafio que se devidamente for enfrentado pela comunidade escolar, promoverá melhorias na qualidade de ensino. Sendo assim é necessário que as práticas pedagógicas sejam repensadas a fim de atender as diferenças (MANTOAN, 2007).

Refletir sobre a prática pedagógica desenvolvida pela escola, visando a promoção de um ensino de qualidade que possa atender de forma equânime todos os alunos, é uma tarefa que exige um constante movimento dialético, que possibilite identificar ações que são primordiais para a promoção de uma educação inclusiva, colocando a aprendizagem como eixo da escola. (MANTOAN, 2007).

As práticas educativas executadas na escola precisam ser repensadas a fim de atender às dificuldades particulares do aluno. É preciso, então, compreender as especificidades de cada aluno, assegurando que ele tenha acesso à aprendizagem a partir da adoção de alternativas didático-pedagógicas que possibilitem a minimização ou até mesmo a superação das limitações de aprendizagem identificadas.

Para tanto, a avaliação do desenvolvimento cognitivo precisa mudar, pois esta deve acompanhar o percurso de cada estudante, analisando suas competências e habilidades. (MANTOAN, 2007).

Quando se trata do processo de inclusão de crianças com algum tipo de necessidade especial é preciso atentar para o aspecto de que não existe uma receita pronta de como incluir o aluno com deficiência ou transtornos nas aulas. O que precisa existir é responsabilidade social da escola frente ao acolhimento, o cuidado e o respeito com as diferenças apresentadas pelo coletivo que constitui o contexto escolar. Dessa forma, se faz necessário que a escola esteja aberta a promover a sua auto avaliação, revisando seus conceitos e concepções acerca do papel da escola inclusiva, do que cada aluno representa, o significado de aprendizagem, de avaliação e principalmente em relação a aceitação do diferente.

O projeto de Lei Federal nº 7081/2010, ainda em tramitação, refere-se a uma legislação específica para pessoas com TDAH e Dislexia. A finalidade do referido PL é instituir, no âmbito da educação básica, a obrigatoriedade de programa de diagnóstico e de tratamento. Sendo assim, o citado projeto estabelece em seu artigo 3º que as escolas devem assegurar aos alunos com TDAH e Dislexia acesso aos recursos didáticos adequados para o desenvolvimento da sua aprendizagem.

Diante do exposto até aqui, fica claro que para a avaliação de aprendizagem do aluno com TDAH é de suma importância o acompanhamento individualizado por parte dos profissionais da escola, do uso adequado de recursos pedagógicos, assim como também as formações continuadas para os professores, capacitando-os para intervir no desenvolvimento do educando, conforme estabelecido no projeto de Lei nº 7081/2010.

2.6 Formação de professores

A formação de professores, promovidas pelo poder público, em aspectos direcionados a como lidar pedagogicamente com alunos que apresentam dificuldades cognitivas, comportamental e, em especial, com TDHA, ainda é escassa, para não dizer inexistentes. Observa-se, no entanto, que em alguns casos o professor busca por interesse próprio se aperfeiçoar e melhorar sua prática.

Refletindo sobre a formação de professores, Garrido e Moysés (2011), ressaltam que o déficit histórico na formação dos professores acontece por se basear em um arcabouço teórico

**Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns.
Dossiê temático “Educação Especial”, dez. 2020.**

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao>

que pouco contribui no processo de entender, compreender e lidar com a diversidade dos alunos em sala de aula. Soma-se a isso, o medo dos pais e professores de não lançar mãos dos recursos que prometem solução para os devidos problemas escolares, o interesse econômico de indústrias farmacêuticas em fabricar doenças e oferecer cura para elas. (GARRIDO; MOYSÉS, 2011).

A ausência de formação continuada sobre a temática para os profissionais de educação gera o desconhecimento em como lidar com diferentes situações de aprendizagem, de comportamento, de atenção, etc., que se evidenciam em sala de aula. Frente a situações dessas ordens, tem-se observado que na maioria dos casos ocorre discussão entre professores firmando uma rotulação de que toda criança inquieta tem “hiperatividade”, o que é informado aos pais, a fim de sugerir que se procure um médico, porque assim o aluno ficará mais calmo com o uso adequado de medicamentos.

O laudo médico deve servir para informar ao professor e à escola sobre as condições do aluno frente a alterações de comportamento ou mesmo como a deficiência ou transtorno pode influenciar o desenvolvimento do aluno. Cabe à equipe pedagógica, portanto, conduzir esse aluno para a aprendizagem e não se nortear apenas por um laudo, alegando ser especial e fazendo-o prosseguir anos após anos sem fazer trajetos para seu progresso escolar.

A formação continuada nos permite recriar e repensar nossas práticas usando estratégias alternativas e substituindo as existentes por novas teorias e novas práticas baseadas em outras visões amplas de mundo, averiguando as potencialidades dos professores e alunos. (CARVALHO, 2004).

Para o sucesso na aprendizagem acontecer, é preciso explorar talentos, verificar as possibilidades e desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades, deficiências e limitações, precisam ser identificadas e reconhecidas, mas não deve conduzir ou restringir o processo de ensino, como normalmente acontece (MANTOAN, 2007).

2.7 Avaliação de aprendizagem

A avaliação da aprendizagem realizada no espaço escolar normalmente não é feita de maneira isolada, na qual cada aluno deveria ser avaliado individualmente. Ao contrário, normalmente é realizada uma avaliação igual para todos. Esse modelo avaliativo pode gerar um diagnóstico impreciso, visto que generaliza os sujeitos, desconsiderando suas

particularidades no tocante a potencialidades e ou fragilidades. Nesse sentido, vale ressaltar que é necessário atentar que as pessoas são diferentes e possuem habilidades diferentes, necessitando de diagnósticos, portanto, individualizados.

Nessa perspectiva, a avaliação da aprendizagem não deve ser usada como instrumento de pressão ou castigo, mas sim como instrumento direcionado para a contribuição do autoconhecimento do aluno e para análises de etapas já vencidas por ele, no intuito de alcançar objetivos previamente traçados (BRASIL,1999)

O grande desafio do professor na sala de aula é o de avaliar o aluno com TDAH de maneira que seja benéfico para este e não apenas para o sistema de ensino.

A avaliação da aprendizagem precisa romper com as práticas classificatórias que tendem a estimular a reprodução mecânica dos conteúdos. O processo avaliativo deve permitir a participação de todos os envolvidos com o objetivo de retroalimentar o aluno e o professor por meio de monitoramentos constantes e não periódicos (ANACHE; MITJÁNS, 2009).

Sendo assim, a avaliação da aprendizagem também deve ser vista como instrumento que ajuda o aluno a superar desafios e não como punição. O aluno com TDAH necessita de recompensa para realizar determinadas atividades e essas recompensas podem ser um simples elogio ou um “você consegue”, mas o auxílio do professor é indispensável.

Analisando as mudanças na educação que vem ocorrendo ao longo do tempo, nos deparamos com várias conquistas através de leis e decretos que norteiam a educação de forma a atender as diferenças, legalizando ao menos o direito ao acesso à educação. Face a isto, a educação inclusiva no ensino regular tem se estabelecido e ganhado cada vez mais espaço no campo de pesquisa.

Nesse contexto, vale lembrar que o professor é, na sala de aula, o organizador, o guia e o orientador das atividades dos alunos durante o processo de ensino e de aprendizagem, na aquisição dos saberes e no desenvolvimento de competências. Assim sendo, se faz necessário entender que os alunos aprendem de forma diferente, no tempo diferente e de várias maneiras. Nessa direção, no ato avaliativo, o mesmo deve respeitar as características individuais de cada criança.

Na perspectiva de atender às reais necessidades de aprendizagem, assim como as condições objetivas das crianças, a escola deve permanecer atenta a essa realidade, pois é de sua responsabilidade trabalhar de maneira preventiva nas situações de dificuldades de aprendizagem com intervenções educativas, de modo a evitar que o educando seja

negligenciado em seu desenvolvimento integral e garantindo que o mesmo receba o devido apoio pedagógico.

“O rendimento escolar abaixo do esperado e que, não raro, desencadeará problemas nas esferas afetiva e emocional” é provocado pela falta de atenção nas instruções da tarefa. (ANDRADE, 2003).

Os alunos com TDAH na fase escolar podem apresentar desempenho abaixo do esperado por todos, pois o rendimento escolar varia de acordo com os níveis de atenção e/ou hiperatividade.

Apesar dos professores saberem que os alunos são diferentes uns dos outros, almejam alcançar um padrão pré-estabelecido para o desempenho escolar, sendo assim, tornam o espaço escolar exclusivo, esperando que todos se igualem nos critérios de aprendizagem. (FÁVERO; PANTOJA; MANTOAN, 2007).

Para concluir a reflexão sobre a avaliação da aprendizagem, cabe trazer Luckesi (2005) que afirma que a prática de avaliação acontece de maneira equivocada e que tal prática ameaça e submete a todos de forma unificada. Diante disso, o autor apresenta seis características que definem uma avaliação na perspectiva da aprendizagem, a saber: 1) ter como objetivo diagnosticar; 2) ser processual; 3) ser dinâmica; 4) ser inclusiva; 5) ser democrática; e 6) ter uma prática pedagógica dialógica (LUCKESI, 2005).

Assim sendo, pode-se considerar que no processo de avaliação de aprendizagem não importa se aluno é considerado atípico ou sem nenhum transtorno, em ambos os casos a avaliação deverá ser empregada e analisada de forma individualizada, de modo a respeitar o tempo e as condições objetivas de cada avaliado, ou seja, do aluno.

3. METODOLOGIA

O presente artigo se trata de uma pesquisa qualitativa, mais precisamente uma pesquisa de campo. Para Chizzotti (2010. p.89),

a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, a fim de mudar condições percebidas como transformáveis, na qual o pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição relativa. Os aspectos descobertos no processo de análise são investigados para orientar uma ação que modifique as situações indesejáveis.

Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns.
Dossiê temático “Educação Especial”, dez. 2020.

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao>

A pesquisa foi desenvolvida numa escola da rede municipal de Palmeira dos Índios - AL, contando com a participação de quatro professores que lecionam a alunos diagnosticados com TDAH. Dos participantes selecionados para a pesquisa, 02 são professores do ensino fundamental, anos iniciais, mais precisamente, 01 leciona a turma do 2º ano e o outro a turma do 4º ano, enquanto os outros 02 são professores do 6º ano. Para a coleta de dados realizamos uma entrevista semiestruturada para os professores. De acordo com Triviños (2008, p. 146), a entrevista semiestruturada

[...] é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante

Essa Escola Municipal é umas das maiores do município de Palmeira dos Índios/AL, atende a uma demanda grande, tanto de alunos como de funcionários. É uma das referências em Atendimento Educacional Especializado (AEE) na cidade.

O primeiro contato com a escola foi para falar sobre o meu interesse em desenvolver a pesquisa na escola e como poderia contar com o apoio dos profissionais para realizar o trabalho. Durante nossas conversas, a coordenadora indicou possíveis profissionais que poderiam contribuir para a pesquisa, nesse caso, professores de alunos diagnosticados com TDAH.

No entanto, ao iniciarmos os trabalhos ficaram evidenciados a existências de desencontros, pois nas conversas com os professores sobre a entrevista, foi perceptível que eles não tinham conhecimento sobre ter aluno com TDAH em sua sala, outros pediam que conversasse com o auxiliar do aluno porque ele era o responsável por acompanhar o aluno com TDAH.

Esse primeiro momento já deixou evidente a falta de conhecimento por parte dos profissionais da escola quanto ao transtorno. Ficou também evidenciado que a equipe pedagógica, por não dominar o assunto, pouco auxilia aos professores com orientações sobre as práticas de acompanhamento desses alunos. Foi identificado que somente na sala de AEE havia documentos arquivados, que por solicitação da pesquisadora a professora do AEE verificou quais alunos teriam o laudo de TDAH.

Ao conversar com as professoras sobre como elas descreviam os alunos com TDHA, os comentários, na maioria das vezes, são sempre os mesmos: “ele é inteligente, mas não

escreve nada, fica o tempo todo andando na sala de aula”; ou mesmo: “é preguiçoso não quer fazer nada”. Apesar das lutas contínuas, a rotulação ainda é muito presente, então o papel a ser desempenhado, enquanto professor, é permitir o acesso a recursos que ajude esse aluno.

Deve-se considerar as habilidades de ler e escrever como uma construção individual, específica de cada aluno. Considerar também o seu desenvolvimento em função da qualidade de ensino que lhe é ofertado e da sua capacidade de assimilar e adquirir essas habilidades durante sua trajetória escolar (MANTOAN, 2007).

É preciso entender que o aluno terá dificuldades, mas o processo não será impossível se as práticas forem direcionadas para atender sua eventual necessidade de aprendizagem. Vale lembrar que não são todos os casos de TDAH que irão apresentar dificuldade na leitura e na escrita, mas poderão apresentar em outras áreas do desenvolvimento afetivo e emocional.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para evitar qualquer tipo de constrangimento, os informantes serão denominados de professor A, B, C e D.

O professor A, graduado em Pedagogia, alegou que sua formação não contribuiu de maneira satisfatória, de modo a desenvolver com segurança um trabalho educativo a partir de práticas pedagógicas na educação inclusiva. Relatou que já ouviu falar sobre o transtorno, mas no momento não lembrava o significado da sigla TDAH.

Quanto à avaliação da aprendizagem, ele faz a leitura da prova escrita porque uma das alunas com TDAH está na fase pré-silábica, não compreendendo palavras mais complexas, e afirma que os alunos com TDAH acompanham dentro do limite deles as atividades propostas. Sendo assim, ele ainda afirma que no início teve mais dificuldades em lidar com os alunos, mas através de conversas com os pais os mesmos os ajudaram nesse processo, propondo a ele utilizar práticas mais lúdicas como intuito de fixar mais a atenção.

Na escola, o suporte é dado através do acompanhamento na sala de AEE sem outros apoios da equipe multidisciplinar, como psicopedagogo ou psicólogo. Quando perguntado se conhecia as habilidades ou potencialidades do aluno com TDAH, disse que percebia a força de vontade em aprender.

O processo educativo inclusivo traz sérias implicações para os docentes e para as escolas que devem centrar-se na busca de rever concepções, estratégias de ensino, de orientação e de apoio para todos os alunos, a fim de que possam ter suas

**Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns.
Dossiê temático “Educação Especial”, dez. 2020.**

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao>

necessidades reconhecidas e atendidas, desenvolvendo ao máximo as suas potencialidades. (MARTINS, 2011, p. 20).

O professor B, com formação em Magistério, nunca tinha ouvido falar sobre a temática, apenas no período da graduação em Pedagogia teve conhecimento de algumas deficiências e transtornos e na especialização em psicopedagogia também. Sabia o significado da sigla, mas quanto ao método avaliativo, alegou que a auxiliar era responsável para trazer e acompanhar a realização das atividades.

A formação continuada não acontece para os professores, na maioria das vezes a formação é feita para os auxiliares dos educandos com necessidades educacionais especiais. A escola não dispõe de psicólogo ou psicopedagogo, o acompanhamento complementar do aluno com TDAH é feito na sala de AEE.

O professor C, formado em Ciências Biológicas, ouviu falar sobre a temática de maneira bem vaga, pois a graduação não ofereceu disciplina específica, não sabia o significado da sigla TDAH. As atividades são feitas pela auxiliar e quanto ao contato com a família também alega que a auxiliar faz isso.

A secretaria promove para os auxiliares dos educandos. A escola dispõe de sala de AEE, teve durante um período psicopedagogo, mas no momento a escola não dispõe desse profissional. Sobre o reconhecimento das potencialidades do aluno com TDAH, disse conhecer pouco, mas que ele adora pintar.

Professor D, graduado em Letras Inglês, afirma que não teve informações sobre a temática no período da graduação. Sabia o significado da sigla por ter feito alguns estudos particulares e que tinha um prévio conhecimento do que seria o transtorno. A avaliação classificatória aplicada ao aluno com TDAH é feita a partir das observações em sala. Além disso, como a auxiliar o acompanha, ela verifica os avanços que o aluno alcança.

O professor D tem dificuldades em lidar com alunos com alguma deficiência intelectual ou transtorno, mas tenta observar o máximo e intervir sobre as dificuldades apresentadas pelo aluno.

A partir dessas informações, ficou evidente a falta de conhecimento acerca do transtorno, assim como a intervenção pedagógica que não acontece para o desenvolvimento do educando com TDAH.

Dessa forma o progresso educacional do aluno não acontece, a escola não trabalha numa perspectiva de adequar seu ensino pra o pleno desempenho do mesmo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio aos desafios para a promoção de uma educação inclusiva de qualidade, ainda nos deparamos com a falta de conhecimento sobre o assunto pertinente à inclusão de alunos com transtornos. É preciso que o assunto seja mais discutido nas escolas e que principalmente os professores sejam preparados para lidar com a criança que apresenta dificuldades de aprendizagem. Outro aspecto observado através das falas dos professores entrevistados é o de que eles também não recebem suporte pedagógico por parte da coordenação nem da própria secretaria de Educação.

Os relatos dos professores evidenciaram a falta de orientação por parte da equipe pedagógica da escola, assim como a ausência de uma equipe multidisciplinar, especialistas de diferentes áreas, que atuem em conjunto com os docentes, de modo a ajudá-los a lidar de forma exitosa com as crianças com TDAH presentes não só na sua sala de aula, mas também na escola.

Sendo assim, essa pesquisa buscou conhecer como se processa o acompanhamento avaliativo da criança com TDAH em uma escola pública municipal. Nesse sentido, observou-se que apesar da educação integral do indivíduo diagnosticado com TDAH está legalmente garantida, na prática a educação inclusiva ainda passa por um momento de transição, onde por muitas vezes esse direito é negligenciado, tanto por parte do poder público, como pela própria comunidade escolar.

Quanto à avaliação de aprendizagem, objeto alvo deste estudo, percebeu-se a falta de preparação por parte dos profissionais entrevistados, devido a vários fatores, tais como: ausência da temática na formação acadêmica dos professores, falta de recursos apropriados, inexistência de formações continuadas para melhor preparação profissional.

Ao término do estudo conclui-se que ainda há muito o que se fazer para que de fato as crianças com TDAH tenham realmente seu direito a educação garantido. É inadmissível que ainda tenhamos que conviver com o descaso do poder público em relação ao atendimento de forma efetiva e adequada das crianças que precisam ser educadas sob uma ótica de respeito e atenção as suas diferenças.

6. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. (DSM-V) 5ª ed. Porto Alegre, 2013.

ANACHE, Alexandra Ayach, MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **O sujeito com deficiência mental: processos de aprendizagem na perspectiva históricocultural**. In: Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa. Organização: Denise Meyrelles de Jesus, Claudio Roberto Baptista, Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto, Sonia Lopes Victor. Porto Alegre: Mediação, 2009.

ANDRADE, Ênio Roberto de. Quadro clínico do transtorno de déficit deatenção/hiperatividade. In: ROHDE, Luiz Augusto; MATTOS, Paulo et al. **Princípios e práticas em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros**: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre:Mediação, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, Ciências da Educação, nº 9, mai/ago, 2010.

DUPAUL, G; STONER, G. **TDAH nas escolas**. 1ª ed. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2007.

FÁVERO, E; PANTOJA, L; MANTOAN, M. E. Cáp. II. **Atendimento educacional especializado**: aspectos legais. Brasília/DF, 2007.

GARRIDO, J. MOYSÉS, M.A.A. Um Panorama Nacional dos Estudos Sobre a Medicalização da Aprendizagem de Crianças em Idade Escolar. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO; GRUPO INTERINTISTUCIONAL QUEIXA ESCOLAR (Org.). **Medicalização de Crianças e Adolescentes**: conflitos silenciados pela redução de questões sociais à doença de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 149-162.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborandoconceitos e recriando a prática. 2. ed. rev. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2005.

MANTOAN, M.E. **Formação Continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado**: Aspectos legais e orientações pedagógicas. Brasília/DF, 2007.

MARZOCCHI, G.M. **Crianças desatentas e hiperativas**: o que pais, professores e terapeutas podem fazer por elas. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.(Coleção para saber mais; 13)

MATTOS, P. **No mundo da Lua**. Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade-TDAH. 15 ed. ABDA, 2014.

OLIVEIRA, M.K.O. Pensar a educação Contribuições de Vygotsky. In CASTORINA, José Antônio (org). **Piaget-Vygotsky**: Novas contribuições para o debate. São Paulo: Editora Ática, 2002.

REPPOLD, C. T. e LUZ, S.A compreensão do professor sobre Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e o impacto sobre o trabalho docente em escola pública. São Paulo, 2007.

SENA, S.S; SOUZA, L.K. **Desafios teóricos e metodológicos na pesquisa psicológica sobre o TDAH**. Temas em Psicologia – 2008, Vol. 16, no 2, 243 – 259. ISSN 1413-389X

SILVA, A.B. **Mentes Inquietas**: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas. São Paulo: Ed. Gente, 2003.

TORNELLO, M. G. M. Inclusão nas aulas de educação física: aspectos conceituais e práticos. In: SCARPATO, Maria (org). **Educação física**: como planejar as aulas na educação básica. São Paulo: Avercamp, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: **a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.